

A NOVA GLOBALIZAÇÃO DO SÉCULO XXI GLOBALIZATION OF A 21st CENTURY

*Charles Alexandre Souza Armada**

Resumo: A partir da década de 80 o termo globalização começou a circular nos meios acadêmicos até firmar-se como um processo considerado irreversível e necessário. Concomitantemente, o planeta passou a conviver com situações de crise também globais. O presente artigo tem por finalidade a identificação deste processo de globalização e o seu relacionamento com as crises globais. Finalmente, com base na análise da situação atual do processo da Globalização, este estudo também tem como objetivo identificar possíveis sinais de transição do processo de Globalização para um novo modelo, uma nova Globalização. O método utilizado para a realização do presente estudo foi o indutivo, através de pesquisa bibliográfica operacionalizada pelas técnicas do referente, do fichamento e das categorias operacionais.

Palavras-chave: Estado-nação. Globalização. Crises Planetárias.

Abstract: From the 80's the term globalization began circulating in academic circles before settling in as a process considered irreversible and necessary. At the same time, our planet has to face global crisis. This article aims to identify this process of globalization and its relationship to global crises. Finally, based on analysis of the current process of globalization, this study also aims to identify possible signs of the transition process of globalization to a new model, a new Globalization. The method used for the completion of this study was the inductive one, through a literature research operated by the techniques of the referent, the synopsis and operational categories.

Keywords: Nation-State. Globalization. Planetary Crisis.

* Bacharel em Administração de Empresas pela PUC de São Paulo, bacharel em Direito pela UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí e Pós-graduando em Direito Público pela FURB - Fundação Universidade Regional de Blumenau. Advogado em Balneário Camboriú-SC. E-mail: charles.armada@terra.com.br.

1 INTRODUÇÃO

A história do ser humano na Terra pode ser contada a partir do início do agrupamento da poeira cósmica que formou o planeta e, nesse sentido, seria uma história de alguns bilhões de anos.

Contudo, a história do homem na Terra também pode ter apenas algumas dezenas de milhares de anos se o ponto de partida considerado for o momento em que o homem decidiu descer das árvores, diferenciando-se de seus primos chimpanzés.

Essa história pode ter ainda 500 anos se o evento a ser destacado for o início das grandes navegações que, de fato, permitiram ao ser humano conhecer a verdadeira dimensão do seu planeta.

Finalmente, pode ser ainda uma história de pouco mais de 50 ou 60 anos de idade se o momento zero for o início das grandes crises planetárias.

Os tripulantes da nave Terra no início deste novo século habitam diferentes mundos e todos eles possuem um mesmo ponto em comum: estão todos em crise. Há um mundo em crise econômica onde as oportunidades e as riquezas são inversamente distribuídas. Há um mundo em crise financeira que consegue consumir bilhões de dólares em recursos para salvar instituições bancárias mas não consegue enxergar o contingente de desempregados produzidos por essa mesma crise. Há um mundo em crise de segurança pela ameaça nuclear que insiste em se renovar a cada década. Hoje, essa ameaça vem dos países “periféricos” que ameaçam o planeta como um todo. Há um mundo em crise ecológica que vê diminuir a capacidade de renovação dos recursos do planeta ao mesmo tempo em que vê crescer a velocidade na utilização destes mesmos recursos.

Algumas destas crises mundiais, entre tantas outras, só foram possíveis ou só tomaram as atuais dimensões em função de um processo que, apesar de antigo, se intensificou a partir da segunda metade do século XX e vem sendo mais profundamente estudado a partir da década de 80: a Globalização.

2 GLOBALIZAÇÃO

A Globalização é um tema complexo e abrangente. O próprio termo determina dificuldades de interpretação ao possibilitar sua utilização enquanto gênero e enquanto espécie.

As principais críticas ao termo Globalização residem, portanto, na sua abrangência e no fato de ser utilizado para definir as mais variadas situações.

2.1 CONCEITUAÇÃO DA GLOBALIZAÇÃO

No entendimento de GÓMEZ¹, o termo Globalização “está atravessado por uma ambivalência ou imprecisão constitutiva em função da variedade de fenômenos que abrange e dos impactos diferenciados que gera em diversas áreas: financeira, comercial, produtiva, social, institucional, cultural, etc.”

A utilização da expressão Globalização, no sentido econômico que hoje prevalece, data do começo dos anos 80. Para CHESNAIS:²

O adjetivo ‘global’ surgiu no começo dos anos 80, nas grandes escolas americanas de administração de empresas, as célebres ‘business management schools’ de Harvard, Columbia, Stanford etc. [...] Fez sua estréia a nível mundial pelo viés da imprensa econômica e financeira de língua inglesa, e em pouquíssimo tempo invadiu o discurso político neoliberal.

Em função das dificuldades determinadas pelo termo Globalização, alguns autores preferem utilizar em seu lugar a expressão mundialização. A expressão ‘mundialização do capital’, por exemplo, melhor corresponderia à substância do termo inglês ‘Globalização’, que traduz uma capacidade estratégica para adotar de forma voluntária um enfoque e uma conduta global.³

Para MOREIRA⁴, Globalização pode ser conceituada “como um processo social que atua no sentido de uma mudança na estrutura política e econômica das sociedades, ocorrendo em ondas com avanços e retrocessos separados por intervalos que podem durar séculos [...]”.

Neste sentido, a Globalização enquanto processo apresentaria ciclos com maiores ou menores incidências e permitindo a identificação de quatro momentos históricos da Globalização: o período de ascensão do Império Romano, a época das Grandes Descobertas

(séculos XIV e XV), a colonização europeia da África e da Ásia no século XIX e o período que se inicia logo após a Segunda Grande Guerra Mundial.⁵

Esta visão da Globalização como um processo cíclico é compartilhada por THERBORN:⁶

A Globalização, no sentido de referência a tendências para um alcance ou impacto de fenômenos sociais no mundo inteiro, é antiga e multidimensional. A primeira onda importante de Globalização data de quase dois mil anos, com a primeira expansão das religiões mundiais.

GÓMEZ⁷ orienta que a “globalização não deve ser equacionada exclusivamente como um fenômeno econômico ou como um processo único, mas como uma mistura complexa de processos frequentemente contraditórios, produtores de conflitos e de novas formas de estratificação e poder”.

2.2 DIVERSIDADE DE GLOBALIZAÇÕES

Há, na verdade, diversas globalizações acontecendo simultaneamente no planeta. Acrescenta-se, também, a capacidade que cada uma delas possui de interagir com as demais.

Há uma globalização econômica transformando o planeta em um único mercado consumidor, há uma globalização financeira que permite o milagre da multiplicação dos ativos especulativos, há uma globalização cultural pasteurizando a cultura do planeta e há uma globalização da produção que movimenta as estruturas produtivas do planeta com base ‘apenas’ nos parâmetros de custo.

Segundo GÓMEZ⁸, “a chamada globalização da economia refere-se à nova forma gerada nas últimas décadas pelo processo de acumulação e internacionalização do capital e às restrições crescentes que seu funcionamento [...] impõem à soberania e à autonomia dos estados nacionais”.

Com relação à globalização financeira, FARIA⁹ apresenta que “o sistema financeiro aproveitou a expansão tecnológica na área da informática e o desenvolvimento das telecomunicações para informatizar sua rede operacional”. Dessa forma, foi possível “aumentar a velocidade dos fluxos de recursos e da circulação de capitais, facilitar o acesso a distintos

mercados, [...] e assegurar a consecução de vantagens crescentes para os investidores a cada flutuação nos valores das ações e nas taxas de câmbio e de juros”.

Há, também, uma globalização cultural que pretende a uniformização das sociedades. O processo de globalização pode ensejar o risco de uma pasteurização da cultura. Esse processo, segundo GÓMEZ¹⁰, citando Mike Featherstone, “além de acarretar uma maciça padronização da vida cotidiana leva a consumir culturalmente imagens e ícones do *american way of life*, reforçado pela adoção do inglês como idioma mundial da cultura de consumo de massa”.

O mundo globalizado da produção, por sua vez, exige que as grandes corporações multinacionais modernas procurem construir suas filiais onde possam aproveitar melhor as vantagens de uma mão-de-obra barata. Caso contrário, tais companhias correm o risco de perder espaço em relação à concorrência.

Da mesma maneira, estas corporações decidem o país que abrigará sua próxima fábrica em função dos incentivos fiscais, das isenções tributárias e dos empréstimos com juros a perder de vista. É quase um leilão justificado pelos empregos diretos e indiretos que a instalação da referida fábrica poderá proporcionar.

Além destas globalizações mais conhecidas e óbvias há outras mais sutis e nem por isso menos eficazes e dramáticas: há uma globalização excludente e uma globalização como ideologia. A globalização como ideologia, por exemplo, tem a capacidade de justificar e potencializar todas as demais globalizações.

A globalização como ideologia apresenta o nirvana econômico na adoção de uma única política econômica fundada, por sua vez, no neoliberalismo e no mercado. Para GÓMEZ¹¹, “as visões mais apoloéticas da Globalização [...] vêm sublinhando a formidável possibilidade de lucro que se abre com a configuração definitiva duma economia mundial sem fronteiras [...]”.

A globalização excludente consegue produzir desemprego ao mesmo tempo em que reduz o valor dos salários. Além disso, consegue estabelecer essa situação de desemprego de uma forma “pervasiva, generalizada, permanente, global”.¹²

Para CASANOVA¹³, “[...] combinou-se de maneira sem precedentes na história do mundo a exploração com a exclusão, a população oprimida que trabalha cada vez mais por

menos. Com a que está sobrando e não tem trabalho, nem assistência, nem solidariedade, nem nada.”

As novas técnicas que aumentaram exponencialmente a velocidade e a expansão dos meios de comunicação contribuíram para o fortalecimento de outra globalização: a globalização política. De fato, estas novas técnicas “permitem que novos atores entrem no jogo e reivindiquem o direito a ser ouvidos [...]”.¹⁴

Cabe destacar, também, a importância do papel desempenhado pelo direito internacional no processo de internacionalização e mundialização crescente da política. GÓMEZ¹⁵ entende que o “direito internacional tem submetido indivíduos, governos e organizações não-governamentais a novos sistemas de regulação legal, que implicam o reconhecimento de ‘poderes e limitações, direitos e deveres que transcendem o Estado-nação [...]”.

A globalização política, portanto, ao subverter o poder do Estado-nação permite a inclusão de novos atores no palco das decisões globais.

A atuação conjunta, simultânea de todas estas globalizações tem afetado o planeta de forma incisiva e em vários níveis e dimensões. Em decorrência da atuação de cada uma destas globalizações e de todas elas simultaneamente, o mundo têm se modificado na experimentação de crises novas e, aparentemente, sem solução.

3 OS MUNDOS EM CRISE DA GLOBALIZAÇÃO

Cada uma das globalizações produz impactos em pessoas, empresas, organizações internacionais, países e, até mesmo, no planeta como entidade. Além disso, têm a capacidade de invadir e afetar o campo das idéias e das vontades. Há, portanto, impactos de toda ordem.

O resultado destes impactos é a criação de mundos distintos, todos em crise.

3.1 UM MUNDO EM CRISE FINANCEIRA

A primeira década deste terceiro milênio ficará marcada pela crise financeira que tomou conta do planeta e exigiu respostas rápidas e agressivas de suas principais economias.

O que o mundo está enfrentando no início deste século XXI é mais uma crise capitalista como tantas outras que já existiram e tantas outras que ainda existirão. Antes desta crise, o mundo conviveu com a derrocada das empresas de internet em 2001¹⁶, a crise dos chamados tigres asiáticos (Hong Kong, Cingapura, Coréia do Sul e Taiwan) em 1997 e a quebra do banco inglês Barings¹⁷ em 1995, sem contar a crise dos anos 30 que, segundo alguns autores, acabou impulsionando o mundo para a Segunda Guerra Mundial.

A crise iniciada no mercado imobiliário americano e potencializada pelo mercado de derivativos conseguiu contaminar praticamente todas as economias do planeta, em função, basicamente, de dois fatores primordiais: o nível de inserção dos diferentes países no comércio internacional e o altíssimo grau de entrelaçamento dos mercados de capitais mundiais.¹⁸

A atual crise capitalista é diferente das demais pela sua capacidade de produzir impactos globais. A última crise globalizada foi a crise dos anos 30, longe quase 80 anos no tempo.

Os impactos globais desta nova crise capitalista são muito maiores do que as cifras e as estatísticas de desemprego. Não há como mensurar, por exemplo, as consequências sociais deste novo contingente de miseráveis a ser produzido pela crise.

3.2 UM MUNDO EM CRISE ECOLÓGICA

O desenvolvimento do ser humano no planeta, evidenciado pelos avanços tecnológicos, intensificou-se ao longo dos últimos 200 anos. Nesse período, o homem passou a ser mais poderoso que a própria natureza.

Principalmente a partir da década de 70, o crescimento desordenado das cidades e o aumento no ritmo de crescimento da população do planeta alteraram de forma significativa a delicada constituição da biosfera, “película de terra firme, água e ar que envolve o globo de nosso planeta Terra”.¹⁹

Segundo MORIN²⁰, “havia um bilhão de humanos em 1800, há seis bilhões hoje. Estão previstos dez bilhões para 2050”.

No entendimento de TOYNBEE²¹, “o homem é a primeira espécie de ser vivo em nossa biosfera que adquiriu o poder de destruí-la e, ao assim fazer, de liquidar a si mesmo.”

Essa dupla conscientização, de um lado, que o planeta é frágil e limitado em seus recursos, e de outro lado, que o homem tem a capacidade de destruí-lo pelo uso indiscriminado de seus recursos, é algo novo. Apesar disso, pouco, ou quase nada de concreto, vem sendo feito para reverter a situação do planeta.

3.3 UM MUNDO EM CRISE ECONÔMICA

O mundo vive uma crise econômica injusta e, aparentemente, sem fim.

A crise é injusta porque atinge mais duramente os países já empobrecidos e menos aptos a lutar contra ela. Além disso, os países mais ricos tiram proveito da crise para aumentar sua participação no comércio mundial.

Além disso, parece ser uma crise sem fim por perpetuar-se década após década.

De acordo com CHOMSKY,²²

Os principais fatores que resultaram na atual crise econômica global são razoavelmente bem compreendidos. Um deles é a globalização da produção, que tem oferecido aos empresários a instigante perspectiva de fazer recuar as vitórias em direitos humanos, conquistadas pelos trabalhadores.

Para CHOMSKY²³, “um segundo fator na atual catástrofe do capitalismo de Estado, que tem deixado um terço da população do mundo praticamente sem meios de subsistência, é a grande explosão do capital financeiro não submetido à regulação [...]”

Há, ainda, a panacéia do desenvolvimento a qualquer custo que dominou o cenário internacional a partir da década de 70 e obrigou muitos países (principalmente os pobres e emergentes) a buscar empréstimos junto ao Fundo Monetário Internacional. Ato contínuo, estes países passaram a se submeter aos desígnios daquela entidade.

Segundo CASANOVA²⁴, a África apresenta o exemplo mais dramático: “Ali, a dívida subiu três vezes sobre o nível de 1980. Os pagamentos atrasados passaram de 1 bilhão de dólares em 1980 para 11 bilhões de dólares em 1990. Hoje, a dívida externa da África é mais alta do que o total de sua produção.”

3.4 UM MUNDO EM CRISE DE ESPERANÇA, DE FUTURO E DE SOLIDARIEDADE

A atuação destas globalizações e as crises por elas geradas acabam determinando uma deterioração moral e um sentimento de desesperança generalizado, globalizado.

A partir dos anos 70, começa a ser colocado em cheque o consagrado trinômio progresso/desenvolvimento/futuro. No campo ideológico, com o desmoronamento do socialismo e, no campo econômico, com uma crise profunda do capitalismo. No campo da ciência, com a possibilidade de aniquilamento humano em função das armas nucleares em poder das grandes potências.²⁵

Todo o desenvolvimento tecnológico que permitiu milagres como enviar o homem à Lua ainda não foi suficiente para descobrir a cura do câncer ou da AIDS. Além disso, apesar de toda a tecnologia atual, a fome atinge 800 milhões de pessoas espalhadas em todos os continentes e há dois bilhões de pessoas vivendo sem água potável.²⁶

Os países do terceiro mundo se endividaram em busca da terra sagrada do progresso e da prosperidade e tentaram cumprir as metas impostas pelos organismos internacionais, enfeitados que estavam pelo canto das sereias com as promessas do desenvolvimento. As promessas encantadoras apenas intensificaram um severo processo de empobrecimento destes países a partir das décadas de 70 e 80. Segundo MORIN²⁷, “o mito do desenvolvimento determinou a crença de que era preciso sacrificar tudo por ele. Permitiu justificar as ditaduras impiedosas [...]”.

Ainda hoje, no amanhecer do terceiro milênio, as chamadas ‘economias periféricas’ sonham e perseguem alguma coisa a qualquer preço, custo o que custar. Antes, era o desenvolvimento. Agora, o que importa é fazer parte do mundo globalizado. Pouco a pouco, percebem que não atingiram nem um nem outro. Para MORIN²⁸, “após trinta anos voltados ao desenvolvimento, o grande desequilíbrio Norte/Sul permanece e as desigualdades se agravam. Os 25% da população do Globo que vivem nos países ricos, consomem 75% da energia”.

Neste admirável mundo capitalista não há espaço para a solidariedade. A batalha pelo lucro reinventa o capitalismo dando novas roupagens a velhas estratégias. Dessa forma, convive-se com expressões como ‘reengenharia’, ‘terceirização’, ‘*just-in-time*’, etc.

A competitividade no mundo moderno e globalizado assume características de guerrilha. Empresas passam a ‘inovar’ nos treinamentos de seus executivos ao utilizar cartilhas inusitadas como, por exemplo, o manual de treinamento dos *Mariners* norte-americanos e obras como ‘A Arte da Guerra’, de Sun Tzu, e ‘O Príncipe’, de Maquiavel.

A ausência da solidariedade como marca mais forte das relações também é apontada por FARIA:²⁹

[...] A ênfase à individualidade, à calculabilidade e à livre autonomia da vontade de cada participante da negociação exclui desses contratos qualquer sentimento de solidariedade e cooperação ou, então, de favorecimento da parte economicamente mais vulnerável, débil ou hipossuficiente. [...].

No entendimento de MORIN³⁰, “os fatores de estímulo são também desintegradores: o espírito de competição e de êxito desenvolve o egoísmo e dissolve a solidariedade”.

Vive-se o consumo a qualquer preço.

A tirania da informação estimula o consumo produzindo consumidores antes mesmo que os produtos sejam produzidos. Diz-se que uma das maiores habilidades de Steve Jobs, um dos ícones do capitalismo contemporâneo, é apresentar soluções para problemas que ainda não existem.³¹

Vive-se uma sociedade que cultua a esperteza em detrimento de tudo o mais.

Em uma sociedade assim, as pessoas vangloriam-se despudoradamente das vantagens conquistadas e das maneiras como elas foram obtidas, estabelecendo entre si uma espécie de ranking ou competição que considera a vantagem obtida e o custo na sua obtenção. De acordo com essa sistemática, quanto maior for a vantagem obtida e menor o custo relacionado, mais esperta esta pessoa será considerada e maior será seu status perante seus pares.³²

Nesse sentido, SANTOS³³ apresenta que “é uma situação na qual se produz a glorificação da esperteza, negando a sinceridade, e a glorificação da avareza, negando a generosidade. Desse modo, o caminho fica aberto ao abandono das solidariedades e ao fim da ética, mas, também, da política”.

O resultado do conjunto das crises do mundo é um outro mundo, um mundo em agonia, desesperançado e imediatista, competitivo até a medula e cego, gigante e insensível, onde

não há espaço para a solidariedade. É, também, um mundo com novos problemas, que cultiva e cultua o individualismo e onde o próprio Estado vê-se diminuído.

4 A NOVA GLOBALIZAÇÃO

O aparecimento de novos atores no cenário político internacional, dividindo o mesmo palco de atuação do Estado-nação, contribui para a solução, ou pelo menos para a discussão, de temas que não são mais exclusivos do Estado-nação enquanto participante singular.

Contudo, é interessante observar que, ao mesmo tempo em que a Globalização internacionalizou estes problemas, permitiu a possibilidade de internacionalização de sua resolução ou discussão.

A Globalização configura-se um outro desafio a ser superado pelo Estado-nação em função dos tremendos impactos e influências que extrapolam a figura individualizada do Estado-nação e passam a determinar consequências para o planeta inteiro, ou seja, para a comunidade dos Estados-nação.

Cientes da incapacidade do Estado, novas forças se apresentam quase que imperceptivelmente para atuar contra as crises planetárias. Aqui e ali despontam sinais de que um novo mundo se apresenta para confrontar os mundos em crise. A dificuldade está em identificar o novo dentro do velho. Condutas pontuais parecem querer manter acesa a chama da solidariedade personificada pela defesa dos direitos humanos, da democracia e do meio-ambiente. Aqui e ali despontam sinais de que um outro mundo emerge dos mundos em crise da globalização.

As mesmas técnicas que permitiram o desabrochar da Globalização nas suas diversas modalidades também estão atuando a serviço do mundo em busca de um novo mundo.

As eleições presidenciais de 2009 no Irã, por exemplo, transcorreram sob o signo da fantasia e da fraude ao darem larga vantagem ao atual presidente e permitirem, em consequência, um segundo mandato. As manifestações de apoio ao candidato vencido pelas ruas de Teerã e por uma eleição transparente foram proibidas pelo governo. Apesar da proibição, as manifestações passaram a ser planejadas pela internet e coordenadas pelos sites de relacionamento. Além disso, a resposta agressiva do governo às passeatas da população foram sendo registradas por câmaras

digitais pessoais e aparelhos de celular inofensivos e quase que instantaneamente supriam a ação (proibida) da imprensa local e internacional.

O que há de novo na utilização de meios digitais para difundir causas políticas, principalmente aquelas que não têm destaque na mídia tradicional, é a internet trazendo a política de volta para as ruas.³⁴

Além da internet e de sua utilização pró-democracia no Irã, outras formas de ação global combinada têm se materializado. Um exemplo importante é o Fórum Social Mundial-FSM. O FSM nasceu com o objetivo de reunir movimentos e organizações internacionais contrários à globalização neoliberal em um encontro simultâneo ao Fórum Econômico Mundial, promovido pelas corporações transnacionais e pelo capital financeiro em Davos, na Suíça.³⁵

Enquanto o primeiro FSM reuniu perto de 20 mil pessoas em Porto Alegre, no ano de 2001, a última edição (na cidade de Belém, Pará, em janeiro de 2009) contou com presença de 150 mil pessoas, entre participantes, jornalistas e organizações civis (entre ONGs, movimentos sociais e agências de desenvolvimento).

O aumento substancial tanto no número de participantes como na diversidade de organismos presentes determina, além do engajamento, a proliferação do interesse pelas causas e temas discutidos em cada FSM. Finalmente, na última versão do FSM, os principais temas discutidos estiveram ligados à questão do meio-ambiente.

Segundo THERNORN³⁶, os exemplos apresentados são exemplos de uma outra globalização, “aquela que inclui também a ação social no mundo todo e o interesse mundial e a comunicação direta”.

A globalização, portanto, tem propiciado essa ‘espécie’ de reorganização mundial e, também, uma certa convergência de ações direcionada para uma tríade virtuosa composta, por sua vez, pelos direitos humanos, pelo meio ambiente e pela democracia no planeta. Seriam sinais de uma nova Globalização?

O aparecimento de novos atores no palco do Direito Internacional, principalmente a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, tem permitido aos Estados-nação atuar em áreas antes improváveis. Dois exemplos recentes, distintos e relevantes, dentre outros, são a conjunção de

forças para combater a crise financeira mundial e o movimento global para encontrar uma vacina contra a SARS.

Os exemplos apresentados determinam a busca de uma plataforma comum entre os mais importantes atores da Globalização. Os atuais desafios do Estado são transnacionais por natureza, trans-institucionais na solução e exigem uma ação colaborativa. Esta ação colaborativa implica na aliança dos Estados com organizações internacionais, corporações multinacionais, organizações não governamentais e, até mesmo, dos indivíduos.

Com relação ao exemplo da crise financeira mundial, reuniões envolvendo quase a totalidade da economia do planeta, chamadas de reuniões do G20 ³⁷, foram realizadas para combater a crise capitalista e discutir a criação de um organismo supranacional de regulação e regulamentação dos mercados financeiros mundiais. Nos últimos 100 anos foram poucos, bem poucos, os outros exemplos de movimentação planetária como a que ocorreu em função da primeira crise capitalista do século XXI.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos adentrando um novo estágio da Globalização. O lento e doloroso processo de transformação dos Estados nacionais parece ter chegado a uma encruzilhada: ou volta-se para a globalização canibalesca que caracterizou o século XX, retrocedendo em seu próprio processo de transformação, ou aposta corajosamente na nova e possível globalização que, de fato, se anuncia, e dá continuidade à metamorfose do Estado nacional para um novo estágio, um novo passo na direção de uma sociedade global, alicerçada na tríade virtuosa da democracia, do amparo ao meio ambiente e do pleno e efetivo exercício dos direitos humanos.

De acordo com BONAVIDES³⁸, “a primeira globalização, selvagem, menosprezou o Estado; a segunda globalização, civilizada, esta, sim, será obra do Estado neo-social que caminha pra o futuro, e não pra o passado”.

Novos sinais de uma nova Globalização calcada na solidariedade disputam um lugar no planeta dos Estados-nação *pari passo* com a velha Globalização. Quem estará transformando quem? Pouco importa, o certo é que o futuro do Estado depende tanto do sucesso de sua própria transformação como do sucesso na transformação da Globalização.

NOTAS

- ¹ GÓMEZ, José Maria. Globalização da política: mitos, realidades e dilemas. *In: GENTILI, Pablo (Org.). Globalização excludente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 129.
- ² CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996. p. 23.
- ³ CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. p. 17.
- ⁴ MOREIRA, Alexandre Mussoi. *A transformação do estado: neoliberalismo, Globalização e conceitos jurídicos*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2002. p. 95.
- ⁵ MOREIRA, Alexandre Mussoi. *A transformação do estado: neoliberalismo, Globalização e conceitos jurídicos*. p. 95-96.
- ⁶ THERBORN, Göran. Dimensões da Globalização e a dinâmica das (des)igualdades. *In: GENTILI, Pablo (Org.). Globalização excludente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 88.
- ⁷ GÓMEZ, José Maria. Globalização da política: mitos, realidades e dilemas. *In: GENTILI, Pablo (Org.). Globalização excludente*. p. 139.
- ⁸ GÓMEZ, José Maria. Globalização da política: mitos, realidades e dilemas. *In: GENTILI, Pablo (Org.). Globalização excludente*. p. 146.
- ⁹ FARIA, José Eduardo. *O direito na economia globalizada*. São Paulo: Malheiros. 2004. p. 66.
- ¹⁰ GÓMEZ, José Maria. Globalização da política: mitos, realidades e dilemas. *In: GENTILI, Pablo (Org.). Globalização excludente*. p. 135.
- ¹¹ GÓMEZ, José Maria. Globalização da política: mitos, realidades e dilemas. *In: GENTILI, Pablo (Org.). Globalização excludente*. p. 129.
- ¹² SANTOS, Milton. *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. p. 72.
- ¹³ CASANOVA, Pablo González. Globalidade, neoliberalismo e democracia. *In: GENTILI, Pablo (Org.). Globalização excludente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 58.
- ¹⁴ GÓMEZ, José Maria. Globalização da política: mitos, realidades e dilemas. *In: GENTILI, Pablo (Org.). Globalização excludente*. p. 135.
- ¹⁵ GÓMEZ, José Maria. Globalização da política: mitos, realidades e dilemas. *In: GENTILI, Pablo (Org.). Globalização excludente*. p. 161.
- ¹⁶ Evento que ficou conhecido como o ‘estouro da bolha da internet’, relacionado com uma supervalorização dos ativos das empresas deste setor durante os anos de 1995 e 2001.
- ¹⁷ O Barings era o mais antigo banco de investimentos da Inglaterra quando quebrou em função de atuações desastradas nos mercados de derivativos.
- ¹⁸ ARMADA, Charles Alexandre Souza. A crise é séria. *Jornal A Notícia*. Joinville, 08 março 2009. p. 10.

- ¹⁹ TOYNBEE, Arnold. *A humanidade e a mãe-terra: uma história narrativa do mundo*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 22.
- ²⁰ MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995. p. 72.
- ²¹ TOYNBEE, Arnold. *A humanidade e a mãe-terra: uma história narrativa do mundo*. p. 36.
- ²² CHOMSKY, Noam. Democracia e mercados na nova ordem mundial. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 36.
- ²³ CHOMSKY, Noam. Democracia e mercados na nova ordem mundial. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. p. 37.
- ²⁴ CASANOVA, Pablo González. Globalidade, neoliberalismo e democracia. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. p. 53.
- ²⁵ MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. p. 79-85.
- ²⁶ SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. p. 59.
- ²⁷ MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. p. 83.
- ²⁸ MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. p. 83.
- ²⁹ FARIA, José Eduardo. O direito na economia globalizada. p. 203.
- ³⁰ MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. p. 88.
- ³¹ SILVA, Adriano. Para entender o gênio. *VEJA*, São Paulo, ed. 2108, n.15, p. 106, abr. 2009.
- ³² ARMADA, Charles Alexandre Souza. O jeitinho brasileiro entre a impunidade e a corrupção. *Jornal Cruzeiro do Vale*. Gaspar, 04 julho 2008. p. 3.
- ³³ SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. p. 61.
- ³⁴ MATIAS, Alexandre. Da rua para a rede, da rede para a rua. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, n. 921, 22 junho 2009. p. L1.
- ³⁵ AMARAL, Marina. As muitas bandeiras de Porto Alegre. *Caros Amigos Especial*, São Paulo, n.16, p. 4, mar. 2003.
- ³⁶ THERBORN, Göran. Dimensões da globalização e a dinâmica das (des)igualdades. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. p. 92.
- ³⁷ O Grupo dos 20 (ou G20) é um grupo formado pelos ministros de finanças e chefes dos bancos centrais das dezoito maiores economias do mundo mais a União Européia. Em 15 de novembro de 2008, pela primeira vez, os chefes de Estado ou de governo se reuniram — e não somente os ministros de finanças — tendo a crise financeira mundial como principal item da pauta de discussões.
- ³⁸ DIREITO ADMINISTRATIVO EM DEBATE. Do Estado neoliberal ao Estado neo-social. Paulo Bonavides. 06/11/2008. Disponível em: <<http://direitoadministrativo>

emdebate.wordpress.com/2008/11/06/do-estado-neoliberal-ao-estado-neo-social/>.
Acesso em: 31/03/2010.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Marina. As muitas bandeiras de Porto Alegre. *Caros Amigos Especial*, São Paulo, n.16, p. 4, mar. 2003.
- ARMADA, Charles Alexandre Souza. A crise é séria. *Jornal A Notícia*. Joinville, 08 março 2009.
- ARMADA, Charles Alexandre Souza. O jeitinho brasileiro entre a impunidade e a corrupção. *Jornal Cruzeiro do Vale*. Gaspar, 04 julho 2008.
- CASANOVA, Pablo González. Globalidade, neoliberalismo e democracia. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.
- CHOMSKY, Noam. Democracia e mercados na nova ordem mundial. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- FARIA, José Eduardo. *O direito na economia globalizada*. São Paulo: Malheiros. 2004.
- GÓMEZ, José Maria. Globalização da política: mitos, realidades e dilemas. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- GRYZINSKI, Vilma. Por trás da máscara. *VEJA*, São Paulo, ed. 2108, n.15, p. 35, abr. 2009.
- MATIAS, Alexandre. Da rua para a rede, da rede para a rua. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, n. 921, 22 junho 2009.
- MOREIRA, Alexandre Mussoi. *A transformação do estado: neoliberalismo, Globalização e conceitos jurídicos*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2002.
- MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 15. ed. Rio de janeiro: Record, 2008.
- SILVA, Adriano. Para entender o gênio. *VEJA*, São Paulo, ed. 2108, n.15, p. 106, abr. 2009.
- THERBORN, Göran. Dimensões da Globalização e a dinâmica das (des)igualdades. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- TOYNBEE, Arnold. *A humanidade e a mãe-terra: uma história narrativa do mundo*. Rio de janeiro: Guanabara, 1987.